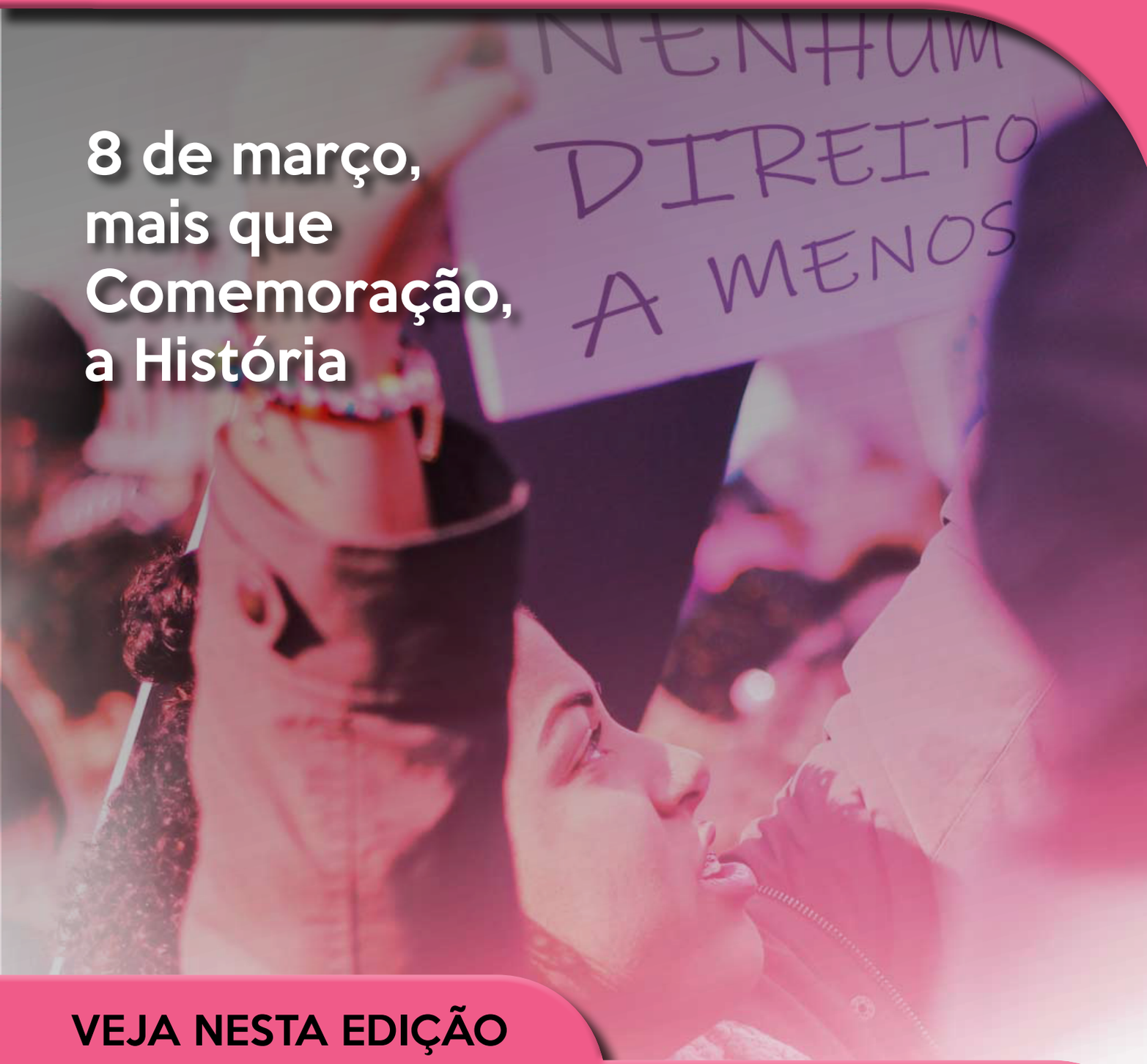
SINDILEX

Fique por Dentro

Edição Especial Dia Internacional da Mulher



8 de março, mais que Comemoração, a História

VEJA NESTA EDIÇÃO

- Sindilex e parceiros se mobilizam para o Dia Internacional da Mulher
- Sindilex, ASCAM/SP e ASTCOM/SP promovem jantar dançante
- ARTIGO: Luta Anticapitalista e Enfrentamento à Violência Contra a Mulher

AGENDAS E EVENTOS IMPORTANTES

Sindilex e Parceiros se mobilizam para o Dia Internacional da Mulher

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o Sindilex irá promover e apoiar os eventos programados pelas entidades superiores e parceiras. Diz respeito aos debates da Pública Central do Servidor, da Conacate, bem como o jantar dançante organizado pelo Sindilex, a ASTCOM (Associação dos Servidores do Tribunal de Contas do Município e pela ASCAM (Associação dos Servidores da Câmara Municipal de SP.

No debate da Pública em parceria com o Sindilex, iremos abordar o machismo estrutural e o machismo cultural.

É de conhecimento da sociedade que a mulher acumula duas, e por vezes três jornadas de trabalho. Quando a mulher conquista na história sua posição no mercado de trabalho, ela passa a acumular seu trabalho formal com o trabalho invisibilizado (a reprodução e os cuidados com as crianças, a manutenção da casa e os cuidados com os idosos). O sistema necessita desse trabalho oculto para a reprodução do valor. No entanto, esse trabalho é desvalorizado e acumulado pela mulher de forma imposta e violenta. Estamos falando do machismo estrutural, que será aprofundado no debate.

A mulher é igualmente vítima da violência cultural, essa que submete a mulher a diversas formas de violência física e psicológica (misoginia, torturas, ameaças, assédio, estupros e até a morte). Tal violência é em geral praticada pelos companheiros (marido ou namorados), por chefias e até por familiares próximos. É a violência oriunda do machismo cultural.

Por fim, o evento “Como o patriarcado capitalista vira violência contra a mulher?” trará ao debate o cenário global de guerras que têm atingido fortemente as mulheres e crianças, não ao acaso, mas sim como parte da estratégia de eliminação da etnia, matando as reprodutoras e as crianças que serão os futuros palestinos.

Não deixe de assistir. As informações dos eventos estão a seguir.

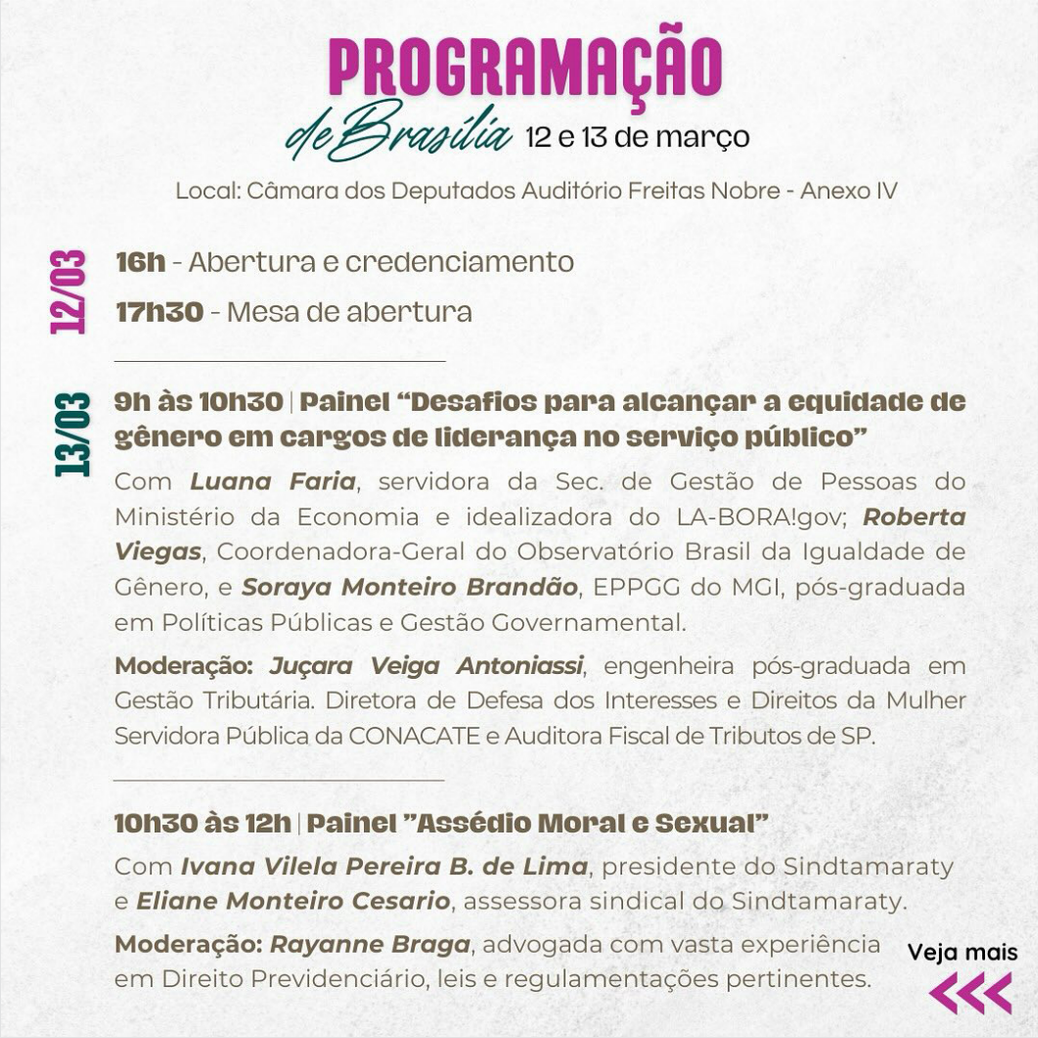
8 de março

Sindilex, ASCAM/SP e ASTCOM/SP promovem jantar dançante em celebração ao Dia da Mulher.

12 e 13 de março

Evento da Conacate em parceria com o Sindilex

Enfrentamento das Desigualdades de Gênero no Serviço Público" que acontece em nos dias 12 e 13 de março em Brasília, e dias 20 e 21 de março em São Paulo, serão os eventos da Conacate em parceria com o Sindilex que foca o debate nas desigualdades de gênero no serviço público.



PROGRAMAÇÃO
de Brasília 12 e 13 de março

Local: Câmara dos Deputados Auditório Freitas Nobre - Anexo IV

12/03

16h - Abertura e credenciamento

17h30 - Mesa de abertura

13/03

9h às 10h30 | Painel "Desafios para alcançar a equidade de gênero em cargos de liderança no serviço público"

Com ***Luana Faria***, servidora da Sec. de Gestão de Pessoas do Ministério da Economia e idealizadora do LA-BORA!gov; ***Roberta Viegas***, Coordenadora-Geral do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, e ***Soraya Monteiro Brandão***, EPPGG do MGI, pós-graduada em Políticas Públicas e Gestão Governamental.

Moderação: ***Juçara Veiga Antoniassi***, engenheira pós-graduada em Gestão Tributária. Diretora de Defesa dos Interesses e Direitos da Mulher Servidora Pública da CONACATE e Auditora Fiscal de Tributos de SP.

10h30 às 12h | Painel "Assédio Moral e Sexual"

Com ***Ivana Vilela Pereira B. de Lima***, presidente do Sindtamaraty e ***Eliane Monteiro Cesario***, assessora sindical do Sindtamaraty.

Moderação: ***Rayanne Braga***, advogada com vasta experiência em Direito Previdenciário, leis e regulamentações pertinentes.

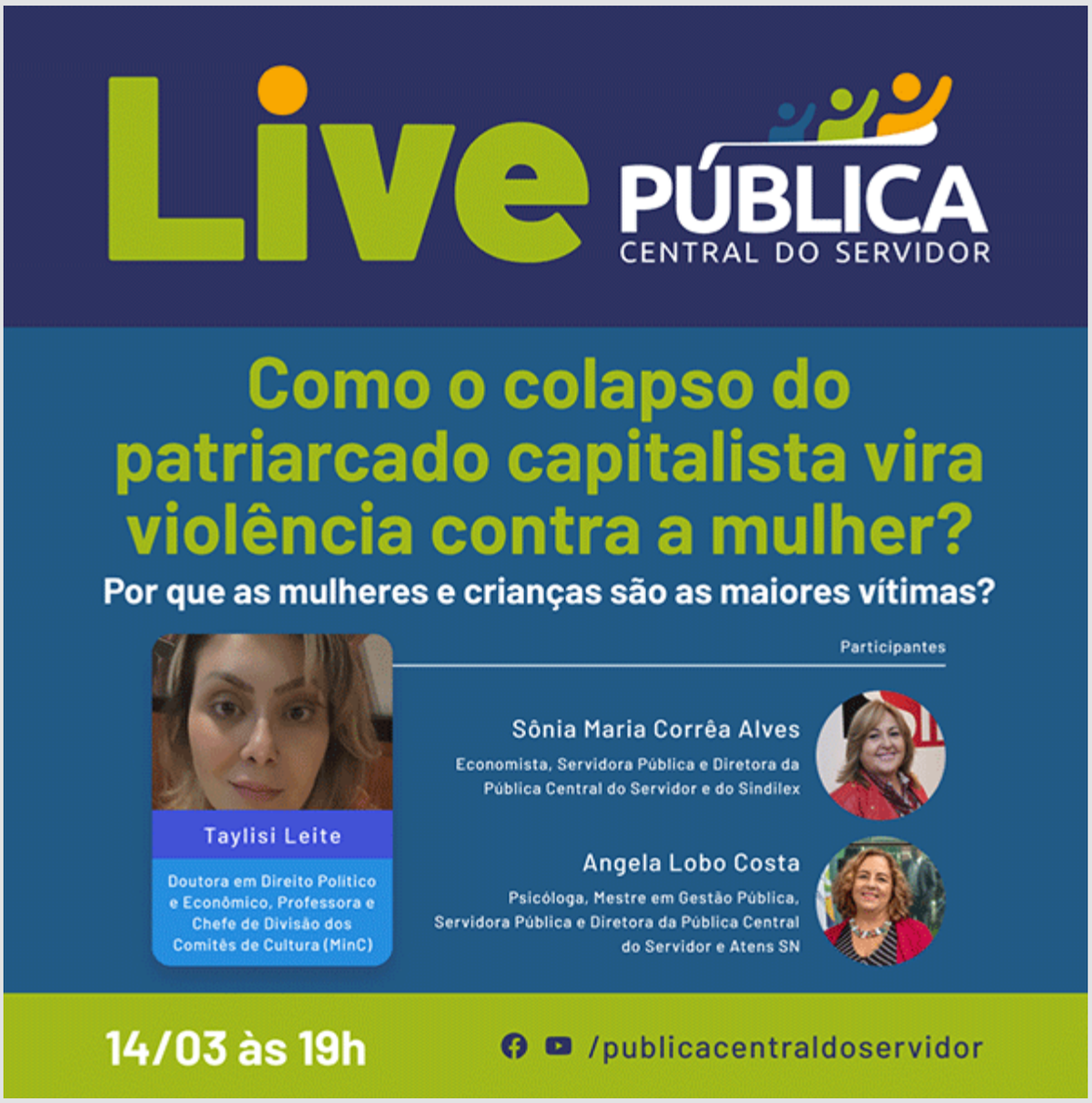
Veja mais

Evento gratuito e aberto a todos os servidores públicos e sociedade!

Inscrições: www.conacate.org.br.

14 de março

Evento da Pública em parceria com o Sindilex



A Pública Central do Servidor realizará uma live para discutir as razões pelas quais mulheres e crianças são as maiores vítimas do colapso do patriarcado capitalista. O evento contará com a participação das convidadas Taylisi Leite e Ângela Lobo Costa, com mediação da diretora Sônia Alves.

Transmissão ao vivo

Facebook: https://fb.me/e/dJQG71q5Q

Youtube: https://youtube.com/live/S8p19ada994

Saiba mais sobre as participante clicando aqui

ARTIGOS CRÍTICOS

Imagem: Freepick

Luta Anticapitalista e Enfrentamento à Violência Contra a Mulher

Por Taylise Leite

O episódio de violência doméstica denunciado pela ex-esposa de DJ Ivis, Pamella Holanda, que divulgou vídeos em que o artista a espanca, ganhou ampla cobertura da imprensa, avalanche de manifestações de internautas e cancelamento de contratos.

Nesta semana, foi lançada mais uma edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública com dados que moldam o retrato da violência contra a mulher. Entra ano e sai ano, a realidade segue massacrando as mulheres. Independente da repercussão desse tipo de horror ou das medidas como as adotadas contra o DJ agressor, pouco se discute as raízes desse problema.

Patriarcado capitalista

Em conversa exclusiva com o Socialismo Criativo, a professora, pesquisadora, doutora, mestra e especialista em Direito Taylisi Leite explicou, sob o ponto de vista do feminismo marxista, as origens do patriarcado que estrutura as nossas relações sociais no sistema capitalista.

Taylisi é a autora do livro Crítica ao femininismo liberal: valor-clivagem e marxismo feminista no qual ela empreende uma análise das relações peculiares entre sociedade patriarcal contemporânea e modo de produção, centrado no valor.

“Trata-se, pois, de uma reflexão não apenas oportuna acerca das interfaces entre sistema econômico e sexismo, mas necessária para que se possa examinar os processos sociais de gênero desde uma perspectiva estrutural e não apenas cultural, evidenciando-se os pilares do patriarcado contemporâneo”, descreve a sinopse da obra de Taylisi.

Violência entranhada nas estruturas da sociedade

Na entrevista ao Socialismo Criativo, Taylisi explica que a violência contra a mulher é uma manifestação extrema de violência entranhada em todos os espaços e nas estruturas da sociedade.

Ela pontua que há uma divisão da existência humana em dois únicos gêneros possíveis e vinculada aos sexos biológicos. Mesmo sendo gênero uma construção social que reúne características de um modelo de comportamento, performance, existência e subjetividade a partir de um binarismo estanque e heteronormativo que rege toda a nossa forma de nos comportar e relacionar.

“Esse binarismo construído na modernidade de que só existe homem e mulher não tem precedentes na história. Homem é forte, inteligente,

assertivo, corajoso, tem que ser promíscuo sexualmente, batalhador e resistente. Mulher tem que ser resignada, bela, dócil, cuidadora, tem que perdoar, ser mãe, generosa, gentil, tola e inocente." Taylisi Leite

Discurso punitivista contra a violência

Taylisi observa que quando ocorrem episódios como o que envolve o DJ e os que mostram o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, a violência contra mulher tem dois entendimentos imediatos.

O primeiro é defender como solução o recrudescimento do Direito Penal e do sistema de justiça. Há o clamor por penas mais severas, leis mais rígidas e celeridade e eficiência nos julgamentos e condenações.

"Uma ideia que confunde justiça com vingança e tem na pena esse ideal de retribuição do mal causado. Como se isso fosse fazer alguma diferença para violência que é um fenômeno estrutural da sociedade", reflete.

A professora comenta que o discurso punitivista acredita que o endurecimento das penas pode prevenir situações de violência. Como se as penas garantissem que as pessoas vejam que o crime não compensa e que o sistema penal tem uma função pedagógica. Enquanto, na realidade, o sistema penal tem função de retribuir o mal com o mal.

Além disso, esclarece Taylisi, essa lógica de vingança acaba gerando muitos outros problemas. Entre eles, elenca, o máximo encarceramento de seletividade do sistema penal. "Não prende todo mundo, mas tem uma clientela muito específica se a gente for pensar em termos estruturais e institucionais", completa.

Mudanças culturais contra a violência

O segundo entendimento são as perspectivas de tentativa de mudança na

cultura e que também vão nesse sentido pedagógico. Esse olhar entende a existência do machismo porque somos uma sociedade machista na cultura. Enxerga que o patriarcado é um conjunto de práticas sociais oriundas de uma cultura misógina machista.

Esse entendimento cultural considera que a distância entre homem e mulher é um produto da cultura e que se esse fenômeno cultural for revertido, se todas as pessoas deixarem de ser machistas, o machismo e a violência contra a mulher vão acabar.

Já quando a análise do patriarcado ocorre através das lentes do marxismo, que parte da teoria do valor, o binarismo hierarquizante que inferioriza existencialmente as mulheres diante dos homens revela-se entranhado na estrutura de produção e reprodução do capitalismo e da valorização do valor.

“Não dá para combater um fenômeno que é estrutural só no plano da cultura. Temos uma complexidade dialética em que isso está na ideologia, na cultura, na psiquê e nos aparelhos ideológicos, que reforçam essa replicação”, diz Taylisi.

Machismo na estrutura capitalista

O machismo também está na estrutura produtiva, no trabalho e nas formas sociais do capitalismo. Com essa lógica, defende Taylisi, é possível entender que o patriarcado só será completamente destruído se não houver mais capitalismo. Para ela, não tem como atuar no plano da cultura e destruir o patriarcado.

Tanto o discurso punitivista quanto a perspectiva cultural não apresentam propostas para que a violência não aconteça. Um caminho, aponta a professora, seria investir em medidas como educação de gênero para promover debates mais profundos sobre esse fenômeno da violência contra a mulher.

Taylisi comenta que as crises do capitalismo penalizam sobretudo as mulheres, inclusive durante essa pandemia, junto com as populações vulneráveis. As formas de violência contra mulher ocorrem em múltiplos níveis muito mais complexos do que a violência doméstica.

Anticapitalismo contra a violência

A professora avalia que não é pela punição ou destruição do indivíduo que seja possível resolver um problema estrutural. Os mesmos que defendem essas medidas, incluindo os grandes aparatos de mídia, alimentam o desmonte do Estado, a austeridade das finanças públicas, o ultra neoliberalismo, o fim dos direitos sociais, as contrarreformas como a previdenciária, a trabalhista e a administrativa.

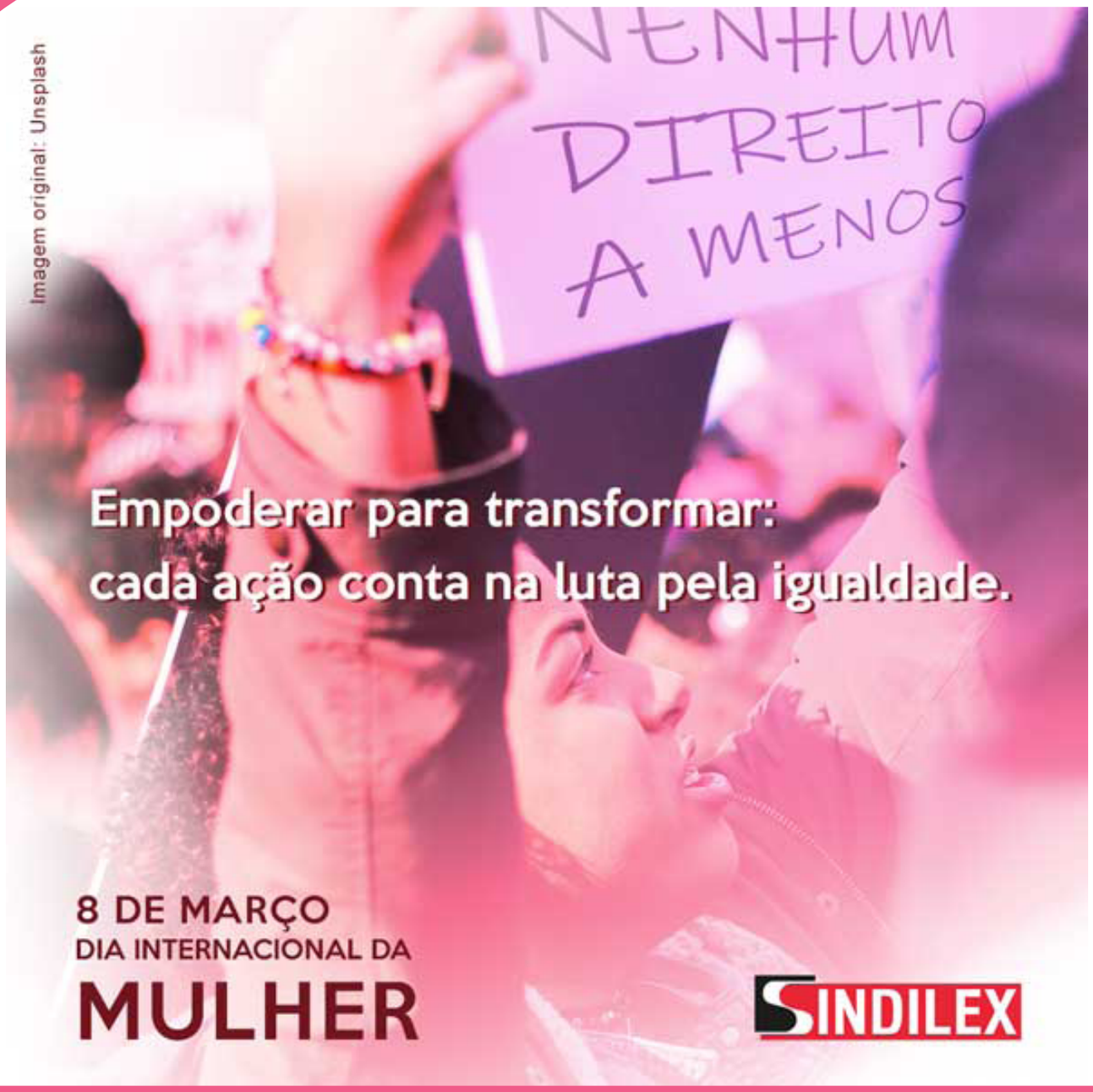
Essa agenda neoliberal, que avança feito boiada no governo de Jair Bolsonaro (sem partido), causa destruição das pessoas, principalmente das mais vulneráveis. Por isso, Taylisi considera as visões punitivista e cultural como caminho para enfrentar a violência contra a mulher, uma redução que dilui a complexidade desse fenômeno.

“Para explicar a complexidade do fenômeno, a gente vai chegar à raiz do problema que é a totalidade capitalista. Por isso que esse tipo de compreensão é tosca e a gente precisa urgentemente resgatar os referenciais teóricos do feminismo marxista para compreender esse fenômeno do patriarcado capitalista e resgatar as lutas das esquerdas e das mulheres para uma luta anticapitalista a partir de uma reflexão teórica”.

Fonte: Socialismo Criativo

Leia o artigo completo clicando aqui

Edição especial do boletim Sindilex em homenagem ao Dia Internacional das Mulheres, trazendo as últimas atualizações e promovendo a participação ativa. Este espaço também é seu: envie perguntas e sugestões e faça parte da nossa celebração de transparência e representatividade.



Ousar lutar, ousar vencer.

Visite nosso site www.sindilex.org.br e saiba mais

SINDILEX
SINDICATO DOS SERVIDORES DA CÂMARA MUNICIPAL E DO TRIBUNAL DE CONTAS DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

(11) 3104.1023 (11) 96607.9578
sindilex@sindilex.org.br